

Última Olaria de Coimbra apresentada em Coimbra, Lisboa e Porto

Centro oleiro com maior produção nacional e projeção internacional, Coimbra foi desde o século XVI um importante centro produtor de faiança. Contando com centenas de olarias, que compunham o Bairro das Olarias, chega ao século XXI com apenas uma, que haveria de encerrar em 2007. “A Última Olaria de Faiança de Coimbra” representa a última memória das olarias coimbrãs, através do registo e estudo de tradições seculares. A obra, numa edição da Direção Regional de Cultura do Norte, Museu de Lamego e Vale do Varosa, em forma de e-book, será apresentada em Coimbra (4 de maio), Lisboa (5 de maio) e Porto (12 de maio).

Da autoria de Luís Sebastian e Filipa Formigo, a publicação apresenta de forma acessível e clara as bases necessárias ao entendimento e fruição da faiança portuguesa como um bem cultural, histórico e artístico, pretendendo contribuir para o reconhecimento da importância da indústria cerâmica coimbrã na História da cidade, região e país e ainda para a recuperação da identificação da cidade de Coimbra com o seu passado histórico-industrial.

Ao mesmo tempo, o Museu de Lamego prossegue a sua política de descentralização das suas atividades, indo ao encontro dos seus públicos, especificamente o público escolar e universitário e investigadores, não deixando de fora o público generalista, que poderá aceder ao e-book livremente.

A primeira sessão terá lugar no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, a 4 de maio (14h30), com apresentação da Doutora Carlota Simões. Segue-se, a 5 de maio (17h00), a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, com apresentação a cargo da Doutora Rosa Varela Gomes. O périplo encerra a Norte, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, a 12 de maio (17h30), com apresentação do Doutor Mário Barroca.

De cariz generalista e formativo e por se tratar de um discurso na primeira pessoa, este estudo reveste-se de um potencial científico, pedagógico, divulgativo e humanizante para o desenvolvimento do interesse pela faiança portuguesa, com potencial para extravasar fronteiras.

PRODUÇÃO DE FAIANÇA

A produção de faiança no Bairro das Olarias de Coimbra foi, desde os finais do século XIX e até meados do século XX, alvo da atenção dos principais ceramólogos portugueses, desenvolvendo-se então como um dos aspetos mais importantes da História da produção

Museu de Lamego: Largo de Camões, 5100-147 - Lamego Tel.: +351 254 600 230

E-mail: mlamego@culturanorte.pt | www.museudelamego.pt

Siga-nos em www.facebook.com/museu.de.lamego



cerâmica em território nacional. Contando entre os seus principais investigadores nomes como Charles Lepierre, Joaquim de Vasconcelos, Joaquim Teixeira de Carvalho, José Queiroz ou Reynaldo dos Santos, foi inclusive no Bairro das Olarias coimbrãs que os primeiros três autores encontraram o seu principal objeto de caracterização do fabrico da faiança em Portugal, perante a já então total extinção da atividade nos restantes dois grandes centros de fabrico - Vila Nova (Gaia) e Lisboa.

Com o início da segunda metade do século XX, o extraordinário incremento sentido no estudo da faiança portuguesa desde a década de oitenta do século XIX esmorece, dando lugar a outros temas e interesses. Com a escavação na década de oitenta de século XX do Bairro dos Judeus Portugueses em Amesterdão e o crescimento exponencial do interesse pela faiança portuguesa, com notícia da sua exumação em escavações arqueológicas em mais de centena e meia de países distribuídos pelos cinco continentes, a faiança como objeto de estudo histórico e arqueológico ganha desde então um interesse renovado, contribuindo para a revisão da posição de Portugal no contexto da criação e desenvolvimento das relações comerciais internacionais no período Moderno, sendo a faiança portuguesa vista pela historiografia do continente Americano como o primeiro produto do processo de globalização que conhece agora o seu extremo.

Neste contexto, a produção de faiança em Coimbra carece de contribuições que lhe permitam tomar o seu justo lugar neste processo histórico, tratando-se do centro oleiro com maior produção nacional e projeção internacional.

Restando apenas uma das centenas de olarias de faiança, entretanto desativada, entende-se como de todo pertinente avançar com a publicação do registo das técnicas e tradições seculares que aí estiveram em prática até ao seu encerramento em 2007, sob risco da sua perda total a breve trecho.